

Galego e Português Brasileiro

história, variação e mudança



LaborHistórico

Volume 3 - Número 2 - jul./dez. 2017

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Sumário

Apresentação	10
---------------------	----

Xoán Carlos Lagares
Leonardo Lennertz Marcotulio

Dossiê Temático

Norma e autoridade linguística no galego e no português brasileiro	12
---	----

Henrique Monteagudo
Xoán Carlos Lagares

Language Policies and Linguistic Culture in Galicia	28
--	----

Anik Nandi

Considerações sobre os conceitos de língua e variedade: uma discussão com base no galego	46
---	----

Melina Souza

Dêixis de lugar e esquemas imagéticos em amostras de fala do português brasileiro e do galego contemporâneos	58
---	----

Maria Jussara Abraçado de Almeida
Rachel Maria Campos Menezes de Moraes

As construções de foco no galego é o que eu estou tentando entender	71
--	----

André Felipe Cunha Vieira

Convergência do léxico por contato entre o português brasileiro e o galego modernos	97
--	----

Valéria Gil Condé

Varia

Por que reeditar (e reler) "O tratamento você em português: uma abordagem histórica" 108

Christiane Maria Nunes de Souza

Clássicos

O tratamento "você" em português: uma abordagem histórica 114

Carlos Alberto Faraco

Dêixis de lugar e esquemas imagéticos em amostras de fala do português brasileiro e do galego contemporâneos

Place deixis and imagistic schemes in speech samples of contemporary Brazilian Portuguese and Galician

Recebido em 14 de março de 2017. | Aprovado em 27 de julho de 2017.

DOI: <http://dx.doi.org/10.24206/lh.v3i2.17127>

Maria Jussara Abraçado de Almeida¹
Rachel Maria Campos Menezes de Moraes²

Resumo: Os dêiticos de lugar, em amostras de fala do Português Brasileiro e do Galego contemporâneos, constituem o tema deste trabalho que postula haver ligação entre a ativação de esquemas imagéticos e o emprego de dêiticos de lugar. Fundamentado, teoricamente, na Linguística Cognitiva, apoia-se no conceito de esquemas imagéticos, para desvelar relações entre alguns esquemas imagéticos e contextos de uso de dêiticos de lugar no Português Brasileiro e no Galego, duas variedades historicamente interligadas. Os dados analisados são provenientes dos seguintes *corpora*: Amostra Senso 1980, Projeto Peul - UFRJ; e *A Nosa Fala Bloques e Áreas Lingüísticas do Galego* (REI; GULÍAS, 2003), respectivamente.

Palavras-chave: dêixis; esquemas imagéticos; sociolinguística cognitiva; português brasileiro; galego.

Abstract: The deixis place in speech samples of contemporary Brazilian Portuguese and Galician are the subject of this paper which aims to uncover connection between imagistic schemes and the use of deictic place. In accordance with Cognitive Linguistics, it is based on the concept of imagistic schemes, to show relationship among some of imagistic schemes and place deictic usage contexts in Brazilian Portuguese and Galician, two varieties historically linked. The data analyzed were collected from the following *corpora*: Amostra Senso 1980, Projeto Peul - UFRJ; and *A Nosa Fala Bloques e Áreas Lingüísticas do Galego* (REI; GULÍAS, 2003), respectively.

Keywords: deixis; imagistic schemes; cognitive sociolinguistics; Brazilian Portuguese; Galician.

¹ Professora Titular de Linguística da Universidade Federal Fluminense. Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais e Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com Estágios de Pós-Doutoramento em Linguística Cognitiva na Universidade Católica de Braga, em Portugal, e na Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Dedicou-se a estudos na área de Linguística, com ênfase na interface teórica entre a Sociolinguística e a Linguística Cognitiva, atuando principalmente nos seguintes temas: tempo e modalidade, cognição, subjetividade e gramaticalização. mjabracadoalmeida@id.uff.br.

² Graduada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal Fluminense. Pós-graduada em Letras (Cultura, Língua e Literatura Latina) pela mesma instituição. Mestre e doutoranda em Estudos de Linguagem pela UFF. Professora EBTT do Instituto Benjamin Constant. rachel.maria.moraes@gmail.com.

1. O fenômeno em investigação

A dêixis é um dos vários temas que têm merecido a atenção da linguística contemporânea, em especial, da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 2002; 2006). Por expressão dêítica entende-se aquela que inclui o evento de fala em seu âmbito. Nas palavras de Fonseca (1996), nota-se ainda o sentido de "apontar", imanente ao sentido etimológico:

pelo seu sentido etimológico, o termo dêixis está relacionado ao gesto de apontar: um gesto, um fazer que, pressupondo uma situação de comunicação face a face e uma intencionalidade significativa comum a dois sujeitos se situa a meio caminho do dizer. (FONSECA, op. cit. p. 438)

Na segunda metade do século XX, entretanto, com o desenvolvimento dos estudos enunciativos, a dêixis teve seu conceito ampliado para "indicador de subjetividade". Isso se observou principalmente com os estudos de Benveniste (1989; 1991a; 1991b; 1991c), para quem a dêixis compõe-se por três elementos: pessoa, espaço e tempo situados em um contexto enunciativo, constituindo o que Parret (1998 *apud* LIMA, 2011) denomina "triângulo dêítico".

Os pronomes pessoais, neste triângulo, segundo Pires e Werner (2007, p. 155 *apud* LIMA, 2011), "[...] têm papel privilegiado sobre os outros elementos, uma vez que funcionam como âncora para o sujeito inscrever-se na linguagem". O sujeito se constitui, deste modo, o elemento central dessa tríade, tornando-se a referência a partir da qual se situam os indicadores da dêixis. Ainda segundo Lima (2011), Fillmore (1971) também contribuiu para os estudos do fenômeno dêítico, ao propor a ampliação das categorias tradicionais da dêixis, acrescentando as categorias de dêixis discursiva e dêixis social à classificação clássica.

De fato, para Fillmore, dêixis é um nome dado às propriedades formais de enunciados que são interpretados por determinados tipos de conhecimento e de aspectos do ato da comunicação, em uma dada situação comunicativa, em que se incluem: (1) a identidade dos interlocutores, coberta pelo termo *dêixis de pessoa*; (2) o lugar ou lugares em que os indivíduos estão locados, para os quais se tem o termo *dêixis de lugar*; (3) o tempo em que o ato de comunicação se situa: neste caso é necessário distinguir o tempo em que a mensagem é enviada e o tempo em que a mensagem é recebida que, juntos, recebem a denominação de *dêixis de tempo*; (4) a matriz de material linguístico em que o enunciado tem um papel, isto é, as partes precedente e a seguinte do discurso, que remetem à *dêixis discursiva*; (5) as relações sociais que envolvem os participantes do ato de comunicação, que determinam, por exemplo, a escolha de tratamento honorífico ou polido ou íntimo etc., que se agrupam sob o rótulo de *dêixis social* (FILLMORE, 1971; 1997).

Também Levinson (2007) ampliou o fenômeno dêítico, ao relacioná-lo a diversos contextos enunciativos no âmbito da pragmática. De acordo com Levinson (2007 *apud* LIMA, 2011):

a dêixis diz respeito às maneiras pelas quais as línguas codificam ou gramaticalizam traços do contexto da enunciação ou do evento de fala e, portanto, também diz respeito às maneiras pelas quais a interpretação das enunciações depende da análise desse contexto de enunciação (LEVINSON, 2007 *apud* LIMA, 2011, p. 65).

Vemos, então, que a dêixis propicia aos sujeitos que estabeleçam um ponto de referência no discurso ou no texto a partir de relações temporais, espaciais, sociais e discursivas. Acatando a contribuição desses estudiosos, mas adotando um viés cognitivista,

entendemos que semelhantemente à maneira como nos orientamos no mundo ambiental e nos adaptamos a novas situações enfrentadas - por exemplo, buscando caminhos que nos livrem de pedras, espinhos, lugares escuros e situações de perigo - também nos orientamos nos atos de comunicação, nos adaptando aos contextos comunicativos em que ocorrem. E, ainda, semelhantemente à maneira em que, dependendo das circunstâncias, uma pedra em nosso caminho pode representar um obstáculo ou uma arma com a qual podemos nos defender de possíveis ataques, nos atos comunicativos, inferimos posições, condições,

intenções, perspectivas etc., nossas e de nossos interlocutores, com base no contexto comunicativo em que nos encontramos (ABRAÇADO, 2011, p. 211).

Na sequência, vamos nos ocupar dos dêiticos de lugar, alvo de nossa atenção neste texto.

Os dêiticos de lugar

De acordo com Teixeira (2005, p. 449),

Numa visão clássica componencial, o valor semântico das unidades linguísticas era analisado num conjunto de traços mínimos que procuravam ser caracterizadores positivos do item e simultaneamente diferenciadores dele em relação aos outros com os quais ele era contrastado. É a famosa semântica das cadeiras de Pottier ou do solteirão generativista (*bachelor*).

Dessa forma, ainda segundo Teixeira, numa análise desenvolvida sob tal viés teórico-analítico, tende-se a entender que a essência do valor linguístico de cada unidade assenta-se na marcação positiva ou negativa de traços que opõem tal unidade às outras com as quais constitui mini-sistemas. Assumindo uma postura diferente, o autor defende que

a descrição semântica a nível lexical se deve basear numa perspectiva cognitiva recorrente da noção de que cada unidade se estrutura num modelo mental que o indivíduo partilha numa comunidade linguística. Tal modelo pode alicerçar-se em traços opositivos mais ou menos binários, mas também em múltiplos aspectos cognitivos e pragmático-contextuais a que a linguística estruturalista negava lugar na rede semântica e aos quais punha o rótulo de "conhecimento enciclopédico" ou "conhecimento do mundo". (TEIXEIRA, 2005, p. 449).

E, fazendo referência a estudo de Pontes (1992), para quem a oposição espacial entre *aqui/aí/ali/lá* se relaciona à distância métrica, o autor afirma:

Em primeiro lugar, *lá* não pertence ao mesmo quadro opositivo de *aqui/aí/ali*. Pertencerá, antes, a um outro, constituído apenas por *cá/lá/(acolá)*³. É evidente que os dois quadros se podem "misturar" numa situação de comunicação, embora a oposição *cá/lá* não se estruture em função das relações 1^a/2^a/3^a pessoa. Tal como *aqui*, *cá* pode referir-se apenas à situação da 1^a pessoa. (TEIXEIRA, 2005, p. 450)

Apresentamos, a seguir, o Quadro 1, em que estão dispostos os dêiticos de lugar, conforme categorizados por Teixeira (2005), em função da situacionalidade do locutor (LOC) e do alocutário (ALOC):

Espaço do LOC	aqui	cá
Espaço do ALOC	aí	-
Espaço não pertencente ao LOC e ALOC	ali	lá, acolá

Quadro 1. Dêiticos de lugar e os espaços do locutor e do alocutário.
Fonte: Teixeira (2005, p. 452).

Valendo-se dos valores semânticos dos dêiticos de lugar, marcadores espaciais para ele, Teixeira demonstra que a análise proposta explica mais satisfatoriamente os problemas ligados à configuração linguística do espaço do que a visão clássica da análise componencial. Conforme argumenta,

³ O autor chama atenção para o fato de ter colocado *acolá* entre parêntesis: "pretende-se referir que, embora costume ser englobado no mesmo grupo de *cá/lá*, tal marcador assenta em valores um pouco diversos dos outros dois que se constituem em oposição binária (...)" (TEIXEIRA, 2005, p. 449).

a oposição *aí/lá* não pode figurar num único quadro, nem muito menos se estrutura em função de uma menor ou maior distância. Repare-se que ao telefone eu posso perfeitamente dizer:

9) Pela janela vejo a neve *lá* fora, mas sei que *aí* no Rio de Janeiro está muito calor.

Neste caso, a relação de distância é exactamente antagónica à apresentada por Pontes: o *lá*, que deveria corresponder a [+distância], corresponde a alguns metros e o *aí*, que deveria equivaler a [-distância] corresponde a muitos milhares de quilómetros. (TEIXEIRA, 2005, p. 452)

Se, por um lado, conforme constatamos, o elemento configurador não pode ser prioritariamente a distância, por outro, como salienta Teixeira (2005), a distância também não pode ser ignorada do modelo dos configuradores espaciais, por estar relacionada à natureza dos dêiticos de lugar e por fazer parte da intuição dos falantes. Para o autor, o problema se resolve se atentarmos para aspectos cognitivos das experiências humanas que constantemente demonstram que a posse e o acesso a coisas são dificultados por fatores diversos, entre os quais, está a distância, que é o mais frequente. O autor acrescenta, no entanto, que a distância é apenas um dos condicionantes da acessibilidade. Por isso mesmo, o que constitui o verdadeiro fator no Quadro 1, proposto por ele, é “a distância em função da acessibilidade”.

Contudo, cumpre destacar que,

Embora seja a distância em função da acessibilidade que enforma genericamente estes dois grupos de marcadores espaciais, tal vertente não é (até para justificar a respectiva existência) conceptualizada da mesma forma pelos dois grupos. A diferença fracturante entre os dois grupos (*cá/lá/acolá*), por um lado e *aqui/aí/ali*, por outro) reside no facto de *cá/lá* assentar prototipicamente na metáfora do contentor, ou seja, *cá/lá* pressupõem um espaço englobante, um espaço que contém um determinado sujeito que ocupa uma centralidade. Ao inverso, *aqui/aí/ali* indicam não espaços, mas lugares, sítios. Pode dizer-se que enquanto *cá* é um espaço sem fronteiras marcadas onde o LOC se insere, *aqui* designa um espaço demarcável próximo do locutor. Esta diferença fundacional acarreta divergentes possibilidades de referencialidade para os dois marcadores: o espaço de *aqui* porque demarcável, pode coincidir com um ponto, pode apontar-se; o de *cá*, não. (TEIXEIRA, 2005, p. 454)

Neste trabalho, na análise dos dados que empreenderemos, vamos propor ajustes à proposta de Teixeira (2005) e demonstrar a importância de se estabelecer também a relação entre dêiticos de lugar e esquemas imagéticos, uma vez que a proposta do autor não contempla usos corriqueiros de dêiticos de lugar observados no PB e no galego.

2. O PB e o Galego

A presente pesquisa se insere no projeto *Galego e Português Brasileiro: história, variação e mudança*, desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de Santiago de Compostela (USC)⁴, cujo objetivo inicial, o de promover a comparação entre falas galegas e brasileiras, foi modificado para abranger também a variedade portuguesa. O projeto principal está voltado para o desenvolvimento de pesquisas conjuntas que consigam detectar os pontos críticos e delimitar os princípios metodológicos adequados à comparação entre as variedades em questão. Adicionalmente, considerando-se a origem comum galego-portuguesa das variedades linguísticas comparadas, propõe a investigação de fenômenos linguísticos observados na Galiza, em Portugal e no Brasil, buscando-se assim ampliar o escopo comparativo até agora utilizado na explicação dos traços próprios do PB e compreender melhor os fenômenos até então considerados característicos do galego e/ou do PE.

⁴ Projeto Coordenado por Xoán Carlos Lagares Diez (Universidade Federal Fluminense / Letras / Pós-Graduação / Estudos de Linguagem) e Xosé Henrique Monteagudo Romero (Instituto da Língua Galega / Universidade de Santiago de Compostela).

Prevê-se, com a realização das pesquisas conjuntas, um importante impacto no estudo da relação histórica existente entre o português e o galego, o que poderá contribuir, em termos teóricos, com os estudos linguísticos da área e, em termos práticos, com o intercâmbio entre pesquisadores do Brasil, de Portugal e da Galiza, através de subsídios que proponham novas frentes de pesquisa.

A participação de pesquisadores da UFF, UFRJ, USP e da USC, além de bolsistas de Iniciação Científica, mestrandos e doutorandos das respectivas universidades, conforme previsto, caracteriza o referido projeto como uma cooperação em rede nacional e internacional.

O Galego e a história do PB

Sabe-se que o território em que se formou o romance galego-português corresponde à província romana da *Gallaecia* - que abrangia unidades administrativas romanas anteriormente denominadas *conventus bracarenis*, *lucensis*, *asturicensis* e *cluniensis* - constituída no fim do século III, durante o mandato do imperador Diocleciano, sobre uma base étnica indígena que já apresentava relativa unidade cultural (BALDINGER, 1963). Sua situação periférica, no extremo mais ocidental do mundo conhecido, no *Finis Terrae*, permitiu que se mantivesse linguisticamente distante das inovações que emanavam de Roma. Posteriormente, o domínio suevo e as consequências que as invasões árabes, a partir do século VIII, tiveram sobre a reestruturação dos reinos peninsulares fizeram com que se acentuasse a autonomia cultural e linguística do território que compreendia a Galiza e o norte de Portugal (TEYSSIER, 1989; MONTEAGUDO, 1999; CONDÉ, 2005).

Embora reconheça a relativa unidade cultural de tal região, a linguística românica tem preferido considerar como critérios de classificação as fronteiras políticas constituídas. Lausberg, numa epígrafe, em que o português figura como uma das línguas românicas atuais, refere-se ao processo de propagação do português, que teria sido levado ao sul, durante a Idade Média, nas guerras de conquista e ocupação de territórios que estavam sob domínio muçulmano. Segundo Lausberg, essa variedade medieval recebe o nome de "português arcaico", embora constitua, de acordo com as suas próprias palavras, o "dialeto fronteiriço galego". Essa duplicidade terminológica, que se resolve em favor do nome da língua nacional, deriva da impossibilidade de se encaixar nos estreitos limites da fronteira política atual portuguesa o processo de formação da língua. Sendo assim, o "dialeto galego" transforma-se em "língua portuguesa" a partir de um fato político: a constituição do reino de Portugal em 1139. Sobre o "dialeto da Galiza", Lausberg diz apenas que "pertence hoje ao domínio da língua escrita espanhola".

O estudo histórico comparado tem adquirido uma grande relevância no Brasil nos últimos anos. Contudo, tende-se a privilegiar a comparação de falas dialetais circunscritas nas fronteiras políticas do Estado de Portugal, contrastando com a atitude comparativa de estudos clássicos como *O linguajar carioca* (1953), de Antenor Nascentes, que contém constantes referências ibéricas (dos dialetos portugueses, galego, leonês, asturiano, aragonês, catalão), para abonar quase todos os fenômenos descritos. Essa atitude "romanista", nem sempre presente nos estudos históricos, é reivindicada neste projeto, sem que isso signifique que, em circunstâncias históricas e sociais concretas, hipóteses explicativas dos fenômenos linguísticos baseadas no contato entre o português e línguas africanas ou indígenas não sejam as mais adequadas. Nesse sentido, entende-se que uma comparação ampla das variedades do sistema linguístico histórico galego-português poderá lançar novas luzes sobre o alcance dessas hipóteses.

Cumprir destacar, contudo, que a comparação entre o português brasileiro e o galego poderia ser enfocada como uma simples comparação entre duas línguas românicas. Entretanto, para nós, pesquisadores envolvidos no projeto em questão, há o prisma de um contraste entre duas ramas, numa abordagem em que as variedades em tela são tidas como dois subsistemas de um mesmo diassistema linguístico⁵. Assim sendo, postulamos que existe uma linha de *filiação genética* entre o galego e o PB, que remonta ao romance galego (ou galego-português) medieval, através do português clássico (e não somente ao latim / protorromance 'comum').

Entendendo a expressão *filiação genética* como contrapondo-se à *continuidade histórica* - de forma que, enquanto o primeiro se refere a fatos estritamente linguísticos, o segundo remete a fenômenos sociais, políticos e culturais, a proposta de assumir o viés da filiação genética, pressupõe considerar, na explicação dos fenômenos

⁵ A noção de *diassistema* adotada no projeto principal remete ao âmbito sistemático-linguístico, não prejulgando a existência de uma comunidade linguística que lhe corresponda. Assim sendo, cabe ao termo *polissistema* referências ao plano dos fenômenos sócio-históricos, à língua como instituição, ou como um sistema de sistemas (semelhantes, mas estruturalmente heterogêneos) integrados simbolicamente.

linguísticos analisados, a *evolução diacrônica do sistema linguístico*. Para tanto, estão previstas pesquisas de natureza pancrônica, que busquem descrever os subsistemas em estudo em sua contemporaneidade e em diversas sincronias anteriores, de forma a levantar subsídios que permitam interpretar e explicar possíveis casos de variação e/ou de mudança linguística verificados nas variedades em comparação.

3. Modelo teórico

A Linguística Cognitiva pode ser compreendida como uma abordagem perspectivada da linguagem que se relaciona à experiência humana. Segundo essa abordagem perspectivada como meio de conhecimento, as unidades e estruturas da linguagem são estudadas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, assim como da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

Segundo Silva (1997), destacam-se, dentre os temas estudados pela Linguística Cognitiva as características estruturais da categorização linguística (tais como prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos, metáfora e imagens mentais), os princípios funcionais da organização linguística (iconicidade e naturalidade), a interface conceptual entre sintaxe e semântica, a base pragmática e ligada à experiência da linguagem-no-uso e a relação entre linguagem e pensamento (incluindo questões sobre o relativismo e sobre os universais conceptuais).

Um dos maiores estudiosos dessa corrente teórica é Ronald W. Langacker que, com a obra *Cognitive Linguistics: Basic Readings*, estabeleceu importantes parâmetros para o desenvolvimento de estudos na área. Segundo o autor, a Gramática Cognitiva (em inglês *Cognitive Grammar*, CG) não é descritível sem referência essencial ao processamento cognitivo. As estruturas gramaticais, desta forma, não constituem um sistema formal autônomo, mas são simbólicas (LANGACKER, 2002; 2006).

A Gramática Cognitiva postula, assim, três tipos de estruturas: semântica, fonológica e simbólica. As estruturas simbólicas, que não são diferentes dos outros dois tipos, residem na simbolização de estruturas semânticas por estruturas fonológicas. Nas palavras de Langacker (2006, p. 45), "Uma unidade simbólica é considerada "bipolar" e consiste de uma unidade semântica definindo um polo e uma unidade fonológica definindo o outro." (Tradução nossa). Ainda segundo o autor, "[...] unidades gramaticais são intrinsecamente simbólicas. Estas unidades variam de acordo com os parâmetros de complexidade e especificidade. Vale ressaltar ainda que, "com respeito ao padrão, uma unidade é no mínimo "um (morfema)" se não contiver nenhuma outra unidade simbólica como componente". (LANGACKER, op. cit, p. 45).

O princípio central da Gramática Cognitiva é de que a Morfologia e a Sintaxe são também de natureza simbólica. Somente estruturas simbólicas são necessárias para a caracterização completa e adequada da estrutura gramatical. Segundo Langacker "[...] a Morfologia e o léxico são vistos [pela Gramática Cognitiva] como um continuum de estruturas simbólicas" (LANGACKER, op. cit, p. 29, tradução nossa).

Cumprir destacar que a Linguística Cognitiva, conforme explica Morato (2010), elege como pré-requisito para a descrição linguística, o uso de um conhecimento prévio do mundo (*backstage cognition*) do qual fazem parte fatores biológicos, psicológicos, históricos e socioculturais.

Neste trabalho, pretendemos nos apoiar no conceito de esquemas imagéticos para explicar o emprego dos dêixis de lugar. Os esquemas imagéticos, segundo Johnson (1987), emergem diretamente da experiência corpórea pré-conceptual e correspondem a estruturas cognitivas procedentes das experiências sensoriomotoras.

Esquemas imagéticos

Há diversas definições de esquemas imagéticos que convergem para o entendimento de que esquemas imagéticos emergem diretamente da experiência corpórea pré-conceptual (FERRARI, 2011). Para Johnson (1987), por exemplo, os esquemas imagéticos correspondem a estruturas cognitivas procedentes das experiências sensoriomotoras. E, assim sendo, conforme explicam Lakoff e Johnson (1980), as estruturas dos nossos conceitos espaciais emergem de nossas experiências conceptuais provenientes de nossa interação com o ambiente físico. Tal como esmiúça Sousa (2012), essas experiências

proporcionam ao ser humano as noções de orientação, forma, equilíbrio, entre outras. Esse aparato é “universal” no sentido de que os humanos, a exemplo das demais espécies, compartilham uma configuração corpórea; com isso, as interações físicas com o ambiente são vivenciadas pelas pessoas de modo muito semelhante e, conseqüentemente, a configuração das estruturas cognitivas decorrentes dessas experiências também segue um padrão (SOUSA, 2012, p. 17).

Em outras palavras, esquemas imagéticos são estruturas abstratas e genéricas que advêm de experiências de natureza sensorio-motoras, facultadas pelas características próprias da espécie humana. As imagens esquemáticas são de natureza sinestésica, já que dizem respeito a diversas atividades do ser humano no espaço, tais como orientação, movimento, equilíbrio, forma, etc. (PINA, 2006). No entanto, como salienta Sousa (2012), a formação dos esquemas imagéticos não constitui um processo de construção de representações nítidas das situações vivenciadas:

O que ocorre é a configuração de padrões abstratos, esquemáticos, que são ativados quando, no processamento discursivo, evocam-se as situações a partir das quais se (re)constrói o aparato cognitivo humano. A ativação de certos esquemas imagéticos atrelada a determinadas experiências tem relação com os papéis que os compõem, ou seja, os elementos que estruturam os esquemas. É importante ressaltar que a ativação de um esquema não pressupõe foco em todos os papéis que o constituem (...) (SOUSA, 2012, p. 17).

Apresentamos, a seguir, a caracterização dos principais esquemas imagéticos, de acordo com Duque (2015, p. 34-35):

- I. Contêiner (interior X exterior): diversos conceitos, como por exemplo, a forma de experienciar nossos corpos, a sociedade, família e casamento podem ser explicados com base neste esquema imagético, segundo o qual, “toda e qualquer coisa sempre está ou dentro ou fora de um recipiente. Se o recipiente B está dentro do recipiente C, e A está dentro do recipiente B, então A está dentro de C também” (DUQUE, op. cit., p. 33).
- II. Ligação parte-todo: pode ser compreendido como a relação parte-todo, que é assimétrica, uma vez que se A é parte de B, então B não pode ser parte de A. Não pode ocorrer o todo sem as partes, mas podemos realçar partes específicas do todo. Só existe o todo se as partes estiverem em uma configuração. Conceitos como sociedade, casamento, família etc. podem ser emulados na base do esquema parte-todo. O conceito geral de estrutura, em si, é esquematizado como parte-todo.
- III. Ligação centro-periferia: baseia-se na ligação assimétrica entre centro e periferia. Com base neste esquema, as teorias, por exemplo, apresentam princípios centrais e periféricos; também nossos corpos podem ser explicados de acordo com este esquema em que o tronco e órgãos internos são entendidos como centrais, e a pele, os dedos e unhas, como periféricos. Neste esquema, o que é central é tido como mais importante. A ligação entre centro e periferia, ainda justapõe elementos em radicalidade.
- IV. Trajetória (e ligação entre os pontos da trajetória): tem como fundamento o deslocamento de um corpo de uma origem a um destino, ao longo de um percurso, passando por pontos intermediários desse percurso. Todo movimento pressupõe um ponto de partida e um ponto de chegada e, ainda, uma seqüência contínua de espaços que conectam os pontos em uma dada direção.
- V. Ligação trajetor-marco: este esquema tem como base o deslocamento de um trajetor em relação a um marco. Fundamenta-se em experiências como a de nossos corpos em movimento no espaço ou a de entidades que vemos se movimentarem de um ponto a outro no espaço.

Considerando que os esquemas imagéticos emergem diretamente da experiência corpórea pré-conceitual e que as estruturas dos nossos conceitos espaciais emergem de nossas experiências conceituais provenientes de nossa interação com o ambiente físico, entendemos ser bastante natural a relação que postulamos haver entre a ativação de esquemas imagéticos e o emprego de dêixis de lugar. Passemos, então, para análise de amostras de fala do PB e do galego, com a qual esperamos justificar a referida relação por nós postulada.

4. A análise

Neste trabalho, analisamos, qualitativamente, as ocorrências de dêiticos de lugar em quatro fragmentos de fala, dois do PB e dois do Galego, com objetivo de demonstrar a estreita relação existente entre dêiticos de lugar e esquemas imagéticos nas duas variedades. Tais fragmentos são provenientes de amostras de fala do PB e do galego: Amostra Senso 1980, do Projeto Peul (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua; Universidade Federal do Rio de Janeiro); e *A Nosa Fala Bloques e Áreas Lingüísticas do Galego* (REI; GULÍAS, 2003), respectivamente.

Na análise qualitativa de cada dêitico, tomaremos como base a proposta de Teixeira (2005), no que concerne à relação entre os dêiticos de lugar e os espaços do locutor e do alocutário, buscando explicitar o porquê dos ajustes que propomos e ainda para demonstrar a importância de se considerar, no estudo dos dêiticos de lugar, os esquemas imagéticos ativados no ato de comunicação.

Começando pelo PB, apresentamos a seguir o fragmento (1) em que se verificam ocorrências dos dêiticos de lugar *aqui, aí, ali, cá e lá*:

- (1) F- É. (est) Aí a rapaziada chama de Maré, Nova Holanda. (est) Muitos que não conhecem lá fora, não são? (est) “Ah! Vou na Maré.” “Onde é essa Maré?” “Lá na Nova Holanda.” Aí- (ruído)
 E- Hum! Está. Ei aqui no final da rua que começa [(inint)] (“assim”) – esse outro bairro (inint)? [a Maré,], aliás.
 F- [É o quê?] [a Maré?] não, a Maré é depois da principal. Seguindo em frente aqui, (est) aí você vai dar numa rua transversal lá, a Maré, é bem dizer, é dali para frente, (est) não é? (est) Maré, é bem dizer, era isso aqui tudo. (est) Isso aqui tudo era embaixo [de]- de lago, [de]- de- hum! (ruído) Uma partezinha da Maré mesmo que pegava a praia, [um]- (est) um canalzinho. (est) Quer dizer, a rapaziada veio se mudando para cá, veio morando, veio [aterrando.] (falante 15 ROB; sexo masculino, Idade: 22 anos)

Como podemos observar, há em (1) nove ocorrências de dêiticos de lugar: uma de “aí”, três de “aqui”, uma de “ali”, três de “lá” e uma de “cá”.

Já na ocorrência do primeiro dêitico, no caso “aí”, constatamos não haver uma correspondência perfeita com a proposta de Teixeira (2005), segundo a qual, “aí” corresponderia ao espaço do alocutário. Embora saibamos que “aí” possa, em muitos usos, configurar um espaço do alocutário, neste fragmento, o dêitico “aí” refere-se a um lugar equidistante do falante e do ouvinte, ou seja, constitui um espaço não pertencente ao locutor nem ao alocutário, configurando-se, portanto, como [-LOC; -ALOC].

Não podemos deixar de mencionar que Teixeira (2005) reconhece que há muitos usos que não se encaixam em sua proposta:

Como todas as unidades linguísticas, juntamente com estes valores prototípicos, múltiplos usos mais periféricos, relativamente ao protótipo espacial, asseguram-lhes uma enorme plasticidade semântica. Por isso mesmo, em muitos usos, um marcador de um grupo pode ser substituído por um do outro quando o valor que está em causa não é o que os divide, mas um valor partilhado. (TEIXEIRA, 2005, p. 465)

Entretanto, para nós, empregos como este de “aí”, e de outros dêiticos de lugar conforme demonstraremos mais adiante, não podem ser considerados periféricos. Tratam-se de usos corriqueiros em situação comunicativa prototípica, ou seja, de interação face a face. Adicionalmente, entendemos que tais usos podem ser mais coerentemente explicados se associados aos esquemas imagéticos inerentes aos enunciados em que esses dêiticos ocorrem. No caso em questão, o esquema ativado é o de ligação centro-periferia. Em “Aí a rapaziada chama de Maré, Nova Holanda” o dêitico “aí” faz referência à periferia, na qual não se encontram o falante nem o ouvinte.

Já o emprego do “lá”, nas três ocorrências detectadas, está em consonância com a proposta de Teixeira (2005), constituindo um espaço não pertencente ao locutor e ao alocutário: [-LOC; -ALOC]. Não podemos deixar de assinalar, contudo, que, embora todas as ocorrências de “lá” se caracterizem como [-LOC; -ALOC], o espaço a que se referem são conceptualizados diferentemente. Na sua primeira ocorrência, em “Muitos que não conhecem lá fora...”, o circunstanciador “fora” explicita bem a relação deste uso de “lá” com o esquema imagético de contêiner, em que a Maré é entendida como um recipiente e, assim sendo, as pessoas que não moram no bairro estão do lado de fora. Na segunda ocorrência deste dêitico em “Ah! Vou na Maré.” “Onde é essa Maré?” “Lá na Nova Holanda”, embora o esquema imagético ativado seja o mesmo, Nova Holanda é o contêiner e a Maré está em

seu interior. Na terceira ocorrência, em “Seguindo em frente aqui, (est) aí você vai dar numa rua transversal lá, a Maré”, distintamente, “lá” associa-se ao esquema imagético de ligação trajetor-marco. Neste caso, “lá” faz referência ao marco, onde o falante e seu interlocutor não se encontram.

Na única ocorrência de “ali” (na contração “dali”), em “a Maré, é bem dizer, é dali para frente, (est) não é? (est) Maré, é bem dizer, era isso aqui tudo”, observamos que seu emprego se dá associado ao esquema imagético de ligação parte-todo. Em consonância com Teixeira (2005), “ali” se configura como [- LOC; - ALOC].

Nas ocorrências de “aqui”, três ao todo, o dêitico em questão, diferentemente do proposto por Teixeira (2005), constitui um espaço [+ LOC; +ALOC]. Com respeito ao esquema imagético associado a suas ocorrências, nas três ocorrências, “Seguindo em frente aqui, (est) aí você vai dar numa rua transversal lá” e “Maré, é bem dizer, era isso aqui tudo. (est) Isso aqui tudo era embaixo [de]- de lago, [de]- de- hum! (ruído) Uma partezinha da Maré”, o esquema ativado é o de ligação centro-periferia, estando o locutor e o alocutário na região conceptualizada como centro.

Por último, o dêitico “cá”, em sua única ocorrência, “a rapaziada veio se mudando para cá, veio morando, veio [aterrando.]”, constitui um espaço também [+LOC;+ALOC] e está relacionado ao esquema imagético de ligação trajetor-marco, estando o falante e seu interlocutor no espaço conceptualizado como marco.

No segundo fragmento de amostra de fala do PB verificam-se quatro ocorrências de dêiticos de lugar: “ali”, “aqui”, “aí” e “lá”.

(2) E- [(inint)-] (rindo) E o carnaval do bairro, como é que é [mesmo?] (f)

F- [O carnaval?]

E- É.

F- Olha, o carnaval do bairro nunca foi um carnaval muito forte, mas, ultimamente, há uns três anos, três, quatro anos, um coretinho ali, perto do posto, aqui [na]- na estrada principal que é a general Canrobert que vai dar lá na ponte tem tido um carnavalzinho bom. O pessoal passa com livro aí, recolhendo uma mixaria de um, uma mixaria de outro e tem um carnavalzinho bom. (conversa) Está um carnavalzinho de bairro bonzinho. Muito bom. (FALANTE 07 EDU; sexo masculino, Idade: 41 anos).

Em (2), encontramos ocorrências dos dêiticos “ali”, “aqui”, “aí” e “lá”. Os dois primeiros, “ali” e “aqui”, em “Olha, o carnaval do bairro nunca foi um carnaval muito forte, mas, ultimamente, há uns três anos, três, quatro anos, um coretinho ali, perto do posto, aqui”, ocorrem associados ao esquema imagético de ligação centro-periferia, de forma tal que “ali” faz referência a um lugar da periferia, onde não estão o falante e seu interlocutor, uma vez que ambos se encontram no centro, referido pelo dêitico “aqui”. Desta forma, “ali” refere-se a um espaço [-LOC ; -ALOC] e “aqui” a um espaço [+LOC; + ALOC].

Na ocorrência do dêitico “lá”, que se dá na continuidade do trecho de fala anterior (“na estrada principal que é a general Canrobert que vai dar lá na ponte”), é o esquema imagético trajetória que é ativado pelo falante. Na ligação entre os pontos da trajetória, “lá” remete a um espaço [-LOC; -ALOC].

Por fim, no caso do dêitico “aí”, em “O pessoal passa com livro aí, recolhendo uma mixaria de um, uma mixaria de outro”, observa-se mais uma vez a ativação do esquema imagético de ligação centro-periferia, em que “aí” refere-se às redondezas, ou seja, a um espaço [-LOC; -ALOC].

Vejamos a seguir dois fragmentos de fala do Galego. No fragmento (3), identificamos ocorrências dos dêiticos de lugar, *aquí*, *aí*, *alí*, *alá*:

(3) (...) once anos que traballa nesto do espetáculo, è, eu è mais o meu fillo pos traballamos aquí, no, no bar. O meu fillo agora está libre de quintas è quèr levar el a cafetería. Eu axúddolle no que poida asta que se case. Cando se case è teña a súa mullèr pos, eu irei co meu hòme por aí ás fèstas, è axudareille a el no do espetáculo, no que pòida. Tèn unha oficina em Monterroso, montada, è tèn outra en Melide. È a, a principal è aquí en Melide; è despòs tèn unha delegación alá, porque el traballa moito a zona de Monterroso; traballa, as fèstas todas darredor de Monterroso fainas el. È entonces pos compramos alí un local è puxo alí unha oficina pa estar máis tranquilo, non ter que andar polos bares adiante enseñándolle á xènte os, os cartèles è enseñándolle á xènte as cousas è bebendo, se cadra o que non eso. È está na súa oficina, a xènte vai alí, tèn o

seu teléfono, tèn o seu fas alí que... acórdome que fai pouco tèmpo que, que lle puxèron o fas, que eu non sabía o que èra eso. (Etnotexto 8; falante sexo feminino, 38 anos)⁶

A exemplo do que encontramos em relação ao PB, também no Galego o dêitico “aqui”, nas duas vezes em que é empregado, corresponde a um espaço [+LOC; +ALOC]. Tal correspondência se deve ao esquema imagético a que estão associadas as ocorrências de “aqui”. Em ambas as ocorrências (“eu é mais o meu fillo pos traballamos aquí, no, no bar” e “Tèn unha oficina em Monterroso, montada, è tèn outra en Melide. È a, a principal è aquí en Melide”), o esquema imagético ativado é o de contêiner. O falante conceptualiza o espaço em que se encontra, o bar em que trabalha, como um contêiner, situando a si e ao seu interlocutor, com quem está conversando, dentro do contêiner, ou dentro do bar em questão. Na segunda ocorrência de “aqui” a cidade de Melide, cidade onde o marido da falante possui o escritório também é conceptualizada como contêiner. O esquema imagético de contêiner também embasa a ocorrência do dêitico “alá” em “despós tèn unha delegación alá, porque el traballa moito a zona de Monterroso”, que, por implicação, remete a um espaço [-LOC; -ALOC]. Nesta ocorrência, locutor e alocutário encontram-se no interior do contêiner (Aqui em Melide) e o local referido está fora de Melide: “unha delegación alá”.

No que se refere ao dêitico “aí”, sua ocorrência única, em “Cando se case è teña a súa mullèr pos, eu irei co meu hòme por aí às festas”, está associada ao esquema imagético de ligação centro-periferia. Mais uma vez, locutor e alocutário estão situados num mesmo espaço, neste caso, o centro. Por conseguinte, “aí”, que se refere à periferia, remete a um espaço [-LOC; -ALOC].

As quatro ocorrências de “alí” referem-se a espaços igualmente [-LOC; -ALOC]. Os esquemas imagéticos a elas relacionados, contudo, diferem entre si. Em “È entonces pos compramos alí un local è puxo alí unha oficina pa estar máis tranquilo”, o locutor conceptualiza o espaço, nos moldes do esquema imagético de ligação centro-periferia, situando a si mesmo e ao seu interlocutor na região correspondente ao centro. Desta forma, “alí” refere-se à periferia, onde nenhum dos dois se encontra. As duas outras ocorrências de “alí”, em “È está na súa oficina, a xènte vai alí, tèn o seu teléfono, tèn o seu fas alí”, os esquemas imagéticos ativados são, respectivamente, o de ligação trajetor-marco e o de contêiner. No primeiro caso, o locutor faz menção a um evento recorrente, ida a um escritório que não é o que ele se encontra, junto de seu interlocutor, no momento do ato de fala. No segundo, conceptualiza o escritório a que se refere como um contêiner, no interior do qual há um telefone e um aparelho de fax.

No fragmento de amostra de fala do galego seguinte, encontramos três ocorrências de dêiticos de lugar: uma de “aqui” e duas de “aí”.

- (4) Como tu ves, nòs aquí temos por un lado comestibles, pra outro lado pòs temos unhar zapatillas, ou unhas, algo de roupa feita, roupa interior è pra outro lado pois temos as aixadas, as fouces pa segha-la hèrba ou unhas puntas ou unhos clavos ou tal. È, dunha ocasión vèu unha señora que xa morreu a pòbre, digo a pòbre, nada de pòbre, xa morreu, está ghozando eternamente na ghlòria, que èla èra boa persoa, pèro vèu è dixe así:

-Manòlo, dáme... dáme.

Pidiume así unhas cousas, unha botella de aceite, pidiume un pouco de petròl que ó tèmpo vendíase o petròl buèno, eso tamèn, aí tamèn hai fonte, aí si que hai manantial ó falar do petròl pèro buèno, hai manantial de comèntario; pèro vai è dixo- me èsí:

⁶ Tradução nossa: (...) Onze anos que trabalham neste do espetáculo, e, eu e o meu filho pois trabalhamos aqui, no, no bar. Meu filho agora está livre de quintas e quero levar ele à cafeteria. Eu ajudo-lhe no que posso até que se case. Quando se casar e tiver sua mulher pois, eu irei com o meu homem por aí às festas, e ajudarei a ele no do espetáculo, no que puder. Tem um escritório em Monterroso, montado, e tem outro em Melide. E a, o principal é aqui em Melide; e depois tem uma delegação lá, porque ele trabalha muito a zona de Monterroso, trabalha, as festas todas da redondeza de Monterroso fá-las ele. E então pois compramos ali um local e pus ali um escritório pa estar mais tranquilo, não ter que andar adiante pelos bares ensinando-lhes A gente os, os cartazes e ensinando à gente as coisas e bebendo, se calhar o que não isso. E está em seu escritório, as pessoas vão ali, tem o seu telefone, tem seu fax ali que.. Recordo-me que faz pouco tempo que, que lhe puseram o fax, que eu não sabia o que era isso.

-Manòlo, dáme un, esto, esto, i-èsto..., -unhas cuantas cousas, è despoixa: Dáme, tamên aí un quilo de azucre. (Etnotexto 15; falante sexo masculino, 64 anos)⁷

Há, neste fragmento, três ocorrências de dêiticos de lugar: uma de "aquí" e duas de "aí". O dêitico "aquí", em "Como tu ves, nós aquí temos por un lado comestibles, pra outro lado pòs temos unhar zapatillas, ou unhas, algo de roupa feita", é empregado associado ao esquema imagético de contêiner, ou seja, o falante conceptualiza seu estabelecimento comercial como um recipiente, no interior do qual se encontra junto de seu interlocutor. Assim sendo, "aquí", por implicação, refere-se a um espaço [+LOC; +ALOC]. Nas duas ocorrências de "aí", em "pidiameun pouco de petròl que ó tèmpo vendíase o petròl buèno, eso tamên, aí tamên hai fonte, aí si que hai manantial", o esquema imagético ativado é o de ligação centro-periferia, uma vez que o falante se utiliza deste dêitico para referir-se às redondezas. "Aí", portanto, remete a um espaço [-LOC; -ALOC].

Discussão dos resultados

Como se pode constatar, em todas as ocorrências de "aquí" no PB e no Galego, e em uma ocorrência de "cá" no PB, os espaços a que se referem pertencem ao locutor e ao alocutário. Num caminho inverso, todas as ocorrências de "aí", "ali" e "lá" ("allá", no galego) referem-se a espaços não pertencentes ao locutor e ao alocutário. Tais resultados, ainda que incipientes⁸, induzem-nos à conclusão de que é necessário, na explicação dos dêiticos de lugar, levar em conta os esquemas imagéticos ativados pelo falante no ato comunicativo em que tais dêiticos são empregados. Considerando a proposta de Teixeira e os resultados que encontramos, propomos o Quadro 2, a seguir, que melhor atende às diferentes circunstâncias de uso dos dêiticos de lugar nas variedades em estudo:

Locutor	Alocutário	Dêiticos	
+	+ / -	aquí	cá
-	+ / -	aí	
-	-	ali	lá

Quadro 2. Dêiticos de lugar e os espaços do locutor e do alocutário revisado.

Considerações finais

Neste trabalho, fundamentado, teoricamente, na Linguística Cognitiva, analisamos qualitativamente as ocorrências de dêiticos de lugar em amostras de fala do Português Brasileiro e do Galego contemporâneos. Tomando como base o conceito de esquema imagético, demonstramos: (1) que uma explicação adequada, para alguns usos corriqueiros de dêiticos de lugar nas duas variedades em estudo, não pode prescindir de considerar o esquema imagético subjacente, ou seja, a maneira como o espaço é conceptualizado pelo falante no ato de fala em que o dêitico de lugar é empregado; (2) que as relações entre dêiticos de lugar e esquemas imagéticos, no que diz respeito aos dados analisados, são semelhantes no PB e no galego; (3) a adequação da nossa proposta, apresentada no Quadro 2 que, considerando os resultados dos dados analisados, abrange usos corriqueiros de dêiticos de lugar no que concerne à relação entre espaços do locutor e do alocutário.

⁷ Tradução nossa: Como tu vês, nós aqui temos por um lado comestíveis, pra outro lado pois temos mas sapatilhas, ou umas, alguma roupa feita, roupa interior e para o outro lado pois temos as enxadas, as foices pa segar a grama ou uma ponta ou uns pregos ou tal. E, uma vez veio uma senhora que já morreu pobre, digo a pobre, nada de pobre, já morreu, é gozando eternamente na glória, que ela era boa pessoa, mas veio e me disse assim:

-Manòlo, Dá-me ... dá-me.

Pidiu-me assim umas coisas, uma garrafa de óleo, pediu-me um pouco de petróleo que o tempo vendia o petróleo bom, isso também, aí também há fonte, aí sim há manantial ao falar sobre o petróleo, mas bom, é manantial de comentário; mas vai e diz- me esse:

-Manòlo, Dá-me um, isto, isto, i-isto..., -Umhas quantas cousas, e depois: Dá-me, também aí um quilo de açúcar.

⁸ A base de dados da pesquisa, tanto no PB quanto no Galego, está sendo ampliada com a inclusão de mais informantes distribuídos em três faixas etárias distintas: a primeira representativa da faixa etária de 18 a 30 anos; a segunda, da faixa etária de 30 a 50 anos; e a terceira, da faixa etária acima de 50 anos.

Referências bibliográficas

- ABRAÇADO, Jussara. Como é possível vivermos e convivermos em um mundo real e nos comunicarmos exclusivamente no âmbito de um universo discursivo? In: *Alfa*, São Paulo, 55 (1): 205-224, 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4174>. Acesso em 20/10/2016>.
- BALDINGER, Kurt. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid, Gredos, 1963.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de Lingüística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989. cap. 5. p. 81-92.
- BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: *Problemas de Lingüística Geral I*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991a. cap. 18. p. 247-259.
- BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. In: *Problemas de Lingüística Geral I*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991b. cap. 20. p. 277-285.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de Lingüística Geral I*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991c. cap. 21. p. 284-293.
- CONDÉ, Valéria Gil. Particularidades da história social da língua galega. In: SILVA, Luiz Antônio da.. (Org.). *A língua que falamos. Português: história, variação, discurso*. São Paulo: Globo S.A., 2005. p. 253-268.
- DUQUE, Paulo H. Discurso e Cognição: Uma Abordagem Baseada em Frames. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 39, p. 25-48, jul./ago. 2015. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/902>>. Acesso em: 18 de abril de 2016.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- FILLMORE, Charles. *Lectures on deixis*. Berkeley: University of California, 1971.
- FILLMORE, Charles. *Lectures on deixis*. California: CSLI Publications, 1997.
- FONSECA, Fernanda I. Dêixis e Pragmática Linguística. In: FARIA, I. H. et al. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminhos, 1996, p. 437-445. Disponível em: <<http://area.dgidc.min-edu.pt/GramaTICa/deixisirene5.html>>. Acesso em: 12 de fev. de 2012.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LANGACKER, R. W. *Deixis and Subjectivity*. [S.l.: s.n.], 2002.
- LANGACKER, R. W. *Cognitive Linguistics: basic readings*. Moton Degruyter: Berlin; New York, 2006.
- LEVINSON, S.C. A dêixis. In: *Pragmática*. Trad. Borges e Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LIMA, Gustavo H. da Silva. A Dêixis Social e a Emergência de Identidades no Discurso Docente. *Anais do Silel*, v. 2. n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_2433.pdf>. Acesso em: 17 de abril de 2016.
- MINSKY, Marvin. A framework for representing knowledge. In: *The Psychology of Computer Vision*. McGraw-Hill: Ed. P. Winston, 1974. Disponível em: <<http://web.media.mit.edu/~minsky/papers/Frames/frames.html>>. Acesso em: 11 jun. 2011.
- MONTEAGUDO, Henrique. *Historia social da lingua galega*. Vigo: Galaxia, 1999.
- MORATO, Edwiges Maria. A noção de frame no contexto neuro linguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição nº 41*, 2010, p. 93-113.
- NASCENTES, Antenor. *O Linguajar Carioca*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 2ª. ed., 1953.
- PARRET, Herman. *Enunciação e pragmática*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.
- PINA, Angelina A. de. Esquema Imagético, Metáfora e Dinâmica de Forças: o Caso da Preposição "Contra". In: Congresso Nacional De Linguística E Filologia, 9, 2005. *Cadernos do CNLF*, v. 9, Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2006. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/15/10.html>>. Acesso em: 02 de mai. 2016.
- PIRES, Vera Lúcia.; WERNER, Kelly Cristini G. A dêixis na teoria da enunciação de Benveniste. *Revista Letras: Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discurso*. Nº 33, jul/dez 2006. Santa Maria: PPGL Editores, 2007.
- PONTES, Eunice. *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 1992.
- PROJETO PEUL. *Banco de dados do PEUL/UFRJ amostra senso*: 1980. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014. Disponível em: <<http://letras.ufrj.br/peul/amostras>>. Acesso em: 15 de jan. de 2016.
- REI, Francisco Ernanández; GULÍAS, Carmehermida (Eds.). *A Nosa Fala Bloques e Áreas Lingüísticas do Galego*, 2ª ed. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, Arquivo Sonoro de Galicia, 2003.
- SILVA, Augusto S. da. A Lingüística cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em lingüística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. I (1-2), 1997, p. 59-101.

- SOUSA, Ada Lima Ferreira de. *A construção de modelos situacionais no padrão discursivo narrativa em quadrinhos*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.
- TEIXEIRA, José. *De cá para lá e de aqui para aí: rede de valores semânticos dos marcadores espaciais cá/lá/(acolá) e aqui/aí/ali*. In: RIO-TORTO, Graça Maria; FIGUEIREDO, Olívia Maria; SILVA, Fátima (orgs.) *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela* (Volume I). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, p. 449-459.
- TEYSSIER, P. *Histoire de la langue portugaise*. Paris: Presses Universitaires de France. Trad. para o português: Teyssier, P. *História da língua portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa, 1987.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2004.